

Juventudes: desafios contemporâneos conceituais

Youths: conceptual contemporary challenges

**Alcimar Enéas Rocha Trancoso,
Adélia Augusta Souto Oliveira**

Resumo

Este trabalho apresenta a análise de conteúdo qualitativa sobre o conceito de juventude, a partir da concepção da produção sócio-histórica de conceitos, e reflexões acerca dos desafios contemporâneos para o estudo dessas juventudes. Resulta de metassíntese realizada a respeito do conceito de juventude/juventudes na produção acadêmico-científica brasileira, pela análise de 189 produções – teses, dissertações, artigos científicos – publicados no Brasil de 2007 a 2011, selecionados a partir de buscas no banco de dados da CAPES e no *Google Acadêmico*. Evidencia-se a necessidade de considerar a polissemia das distintas ciências sobre o tema; a realidade sócio-histórica-cultural da constituição e da experiência humana; o processo identitário com autonomia no momento juvenil; a sobreposição geracional que se estabelece na autonomia e na interdependência; o risco de atribuir um lugar privilegiado à condição de juventude, em detrimento de outros grupos sociais, contribuindo indiretamente para naturalizações dos processos sociais.

Palavras-chave

Juventudes; Sócio-Histórica; Processos psicossociais.

Abstract

This papers presents a qualitative content analysis about the concept of youth, from the conception of the socio-historical production of concepts and reflections about the contemporary challenges to the study of these youths. Presented as result of meta-synthesis performed about the youth concept in the Brazilian academic and scientific area, by analysis of 189 productions – theses, dissertations, journal articles – published in Brazil from 2007 to 2011, selected from searching the database of CAPES and Google Scholar. Highlights the need to consider the multiple meanings of the different sciences on the topic; the socio-historical-cultural reality of the constitution of human experience; the identity process with autonomy in youth time; the generational overlap that establishes the autonomy and interdependence; the risk of assigning a privileged position to the condition of youth, at the expense of other social groups, indirectly contributing to the naturalization of social processes.

Keywords

Youth, Socio-Historical, Psychosocial processes.

Alcimar Enéas Rocha Trancoso

**Universidade Federal de
Alagoas**

Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL) e doutorando em Educação pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL).

osocnart@gmail.com

Adélia Augusta Souto Oliveira Correio

**Universidade Federal de
Alagoas (UFAL)**

Doutora em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2005) e pós-doutorado em Psicologia Social pela Universidad de Barcelona (2011). Professora associada no Programa de Pós Graduação Stricto Sensu em Psicologia na Universidade Federal de Alagoas.

adeliasouto@hotmail.com

Introdução

Este artigo apresenta reflexões que buscam relacionar a produção sócio histórica de conceitos e elementos trazidos por distintos autores sobre o conceito de juventude. Aponta desafios contemporâneos para o estudo e produção conceitual das juventudes. Esse tema tem adquirido crescente destaque na academia e fora dela, como afirmam Trancoso e Oliveira (2014), em razão das próprias características do fenômeno, principalmente, àquelas vinculadas ao vigor físico e à crescente prevalência da própria vontade na tomada de decisão. Ocorrem assim, a transformação do conceito juventude e do jovem em um ícone, a criação de políticas públicas específicas, em razão do crescimento dos grupos juvenis e suas manifestações dentro e fora da escola e o crescente debate sobre os mesmos. A partir disso, pode-se perguntar por considerações que apoiariam de forma significativa o esforço de se estudar o fenômeno juventude.

Essas reflexões são resultado de metassíntese realizada a respeito da produção do conceito de juventude/juventudes na produção acadêmica e científica brasileira (TRANCOSO, 2012). Para tanto foram analisados 189 produções entre teses, dissertações e artigos científicos, publicados no Brasil de 2007 a 2011, selecionados a partir da presença da palavra juventude/juventudes no título, ou da expressão conceito de juventude no resumo e ainda da expressa intenção de refletir sobre o conceito de juventude em pelo menos uma das partes do conteúdo apresentado. Essas produções foram selecionadas a partir de buscas no banco de dados da CAPES – teses e dissertações – e no Google Acadêmico – Artigos científicos.

A análise da produção selecionada demonstrou amplamente a juventude como um conceito polissêmico, transitando entre os campos da Biologia, da Psicologia e da Sociologia. Este trânsito ocorre, por aproximações conceituais, em um processo criativo a serviço da comunicação, do entendimento e da solução de problemas ou questões teóricas, metodológicas e operacionais a respeito da juventude (TRANCOSO, 2012).

Qualquer conceito enquanto uma produção social apresenta o inacabado como característica presente nos fenômenos humanos. O ser humano se constitui na medida em que caminha em sua trajetória existencial, refletindo em si mesmo a ideia de conceito-processo, com permanências e rupturas. Nestas reside a sua parte fluida. Apresenta também os campos de disputa de uma produção conceitual para que se alcance maior prevalência na nomeação de coisas, fatos, ações e fenômenos sociais.

Delineiam-se aqui cinco possibilidades com intuito de responder questões sobre os desafios que se apresentam, na atualidade, quando se quer estudar o fenômeno das juventudes. Primeiramente a importância de se avançar na reflexão sobre a polissemia das distintas ciências, que cumpre uma função dual: garantir os diferentes cenários a respeito do fenômeno, como um caleidoscópio, um olhar multifocal, ao tempo em que evidencia disputa em torno de uma posição de primazia. Às vezes, podem resultar tanto na produção de subjetividades como em maior arrecadação de recursos financeiros para pesquisas. Também a reflexão sobre a realidade sócio-histórica-cultural da constituição e da experiência humana, cuja negação ou mesmo a exacerbação dos processos culturais joga a juventude quase em um limbo.

Em terceiro, ter como objeto de análise o processo identitário, posto que ganha elementos de autonomia no momento juvenil, com um salto qualitativo no desenvolvimento humano, onde, por exemplo, o aparelho fisiológico 'adquire poderes' nunca antes tido, como o de reproduzir, e o cérebro amplia exponencialmente sua capacidade sináptica. Considera-se ainda relevante, a atenção às relações geracionais em sua condição de sobreposição geracional: por um lado, na autonomia que chega, é conquistada, mas é interdependente, e, por outro, os apelos exógenos a favor de uma atitude independente,

excludente que encapsula o jovem em sua própria geração. Essa posição parece camuflar a necessidade psicológica, em uma perspectiva sócio-histórica e dialética, da transmissão geracional a favor do fortalecimento da acumulação de experiência; e por fim, uma atenção ao risco de atribuir um lugar privilegiado à condição de juventude, em detrimento de outros grupos sociais, contribuindo indiretamente para as naturalizações dos processos sociais. Os aspectos singulares não podem ser confundidos com características ordinárias, genéricas, triviais, mas também não podem ser transformados em algo incomparável, sem referente em outros grupos sociais.

A seguir, apresentamos o aprofundamento destes pontos acima, bem como os desafios ainda presentes na produção do conceito de juventudes.

Juventude é objeto de estudo de distintas ciências

A complexidade da vida humana, expressa em suas manifestações objetivas e simbólicas, pode ser tida como axioma primordial nos estudos do ser humano. Considera-se lugar comum a afirmação, na produção acadêmico-científica analisada, da impossibilidade de uma única ciência, um único arcabouço teórico, dar conta de apresentar e conceituar, de forma completa e definitiva, a labiríntica e heterogênea forma do ser, da juventude especificamente. Essa diversidade teórica e metodológica necessária, no entanto, gera esforços cooperativos e interdisciplinares, em concomitância com a disputa em qualificar juventude como fenômeno a ser estudado. Decorre assim uma heterogeneidade, na qual o alcance, nível de inserção e influência na prática cotidiana das pessoas de cada requerente é distinto e, em alguns casos, essa diferença se apresenta de forma exponencial.

Grosso (2000) chama a atenção para os termos ainda utilizados para definir esta fase do ciclo de vida. A expressão puberdade, próprio das ciências médicas, refere-se às mudanças corporais, tendo a maturidade do aparelho reprodutor como um dos pontos chave para determinar seu início e fim. Já o termo adolescência é mais afeto à Psicologia, e é conceitualmente relacionado com as mudanças no comportamento, na personalidade e na mente. O termo juventude mais utilizado pelas Ciências Sociais, especialmente a Sociologia, se vincula ao processo de socialização e suas decorrências.

Mais do que formas de expressão, essas palavras denotam o lugar de onde se fala e, principalmente, a mensagem que se quer imprimir no ambiente da disputa. Jesus (2008) aponta uma defasagem nos instrumentos teórico-metodológicos, especialmente da Sociologia, Antropologia e Psicologia para melhor estudarem a juventude e as coisas que se referem a ela. Para o autor, as representações elaboradas em momentos históricos anteriores, dadas as mudanças ocorridas na sociedade, tornaram-se obsoletas. Decorre assim, a necessidade dessa renovação teórico-metodológica que propõe, “com vistas a compreender o comportamento, a rede de relações sociais e as novas instabilidades que configuram este seguimento social” (JESUS, 2008, p. 36). Essas percepções parecem apontar dificuldade de se romper, nas ciências sociais e humanas, barreiras relacionadas à integração de perspectivas, bem como uma compartimentalização do objeto de estudo.

Uma das razões que fazem pessoas, pesquisadores ou não, concluírem pela preponderância nas ciências humanas e sociais de perspectivas unívocas e lineares na definição do conceito de juventude, é aceitar, aparentemente de forma tácita, que a Psicologia, como ciência, possui uma única visão a respeito dos processos sociais, e esta seria a perspectiva do desenvolvimento em fases etárias, estabelecidas de forma quase matemática. O uso da expressão *psicologista*, feito em Viana (2009), por exemplo, como forma de categorizar uma definição estreita sobre juventude reforça esta perspectiva. Contudo, não é à toa que isso ocorre. Para Aguiar; Bock e Ozella (2001) de fato têm prevalecido na ciência psicológica a análise e a compreensão naturalizante e

não histórica do desenvolver humano. Quando a adolescência começa a ser vista como objeto de estudo, no início do século XX, na Psicologia, prevalece a perspectiva psicanalítica vigente na época: momento da vida onde a emergência da sexualidade provoca tormentos e perturbações, marcando uma concepção naturalista e universal.

No entanto, no início do mesmo século XX, se estabelece perspectiva diferente desta de cunho naturalista para a análise dos fenômenos psicossociais. A Psicologia insere o uso do método materialista e dialético e da consideração dos fatores sociais, históricos e culturais na análise dos fenômenos psicológicos (AGUIAR; BOCK; OZELLA, 2001). Dentre outras coisas, implica na concepção de um homem não atomizado em oposição à sociedade, mas que se constrói nas relações sociais. Ou seja, delas recebendo influências, nelas se modificando e modificando-as, à medida que empreende uma ação criadora, em função das demandas estabelecidas, nestas mesmas relações.

Por outro lado, Almeida (2009) observa como os estudos da escola de Chicago — que vinculam juventude e violência numa relação causal, dando a este grupo um caráter mais intrinsecamente patológico do que sociocultural —, ainda influenciam de forma significativa as políticas públicas formuladas atualmente, como se pouco ou nada houvesse sido produzido posteriormente. Nesse sentido, ainda são fundamentadas as políticas públicas para a juventude, apesar dos estudos de juventude sob a perspectiva de uma categoria histórica, social e culturalmente definida, ter se mostrado ampla maioria dentre as 189 produções analisadas.

Efeitos pragmáticos mais conservadores sobre as políticas públicas ainda não são sentidos. Não que seja necessário ocorrer a aniquilação de pressupostos biológicos que analisam a juventude, mas fazer com que o referencial teórico que considera os processos humanos, principalmente os biológicos, a partir das prerrogativas sociais, históricas e culturais, influencie também as opções políticas e operacionais. Interfiram no movimento circular que pode se estabelecer entre os conceitos e a prática, no sentido de os modos de concepção da realidade determinarem a ação sobre ela, e esta ação, por sua vez, estabelecer ou alimentar estes mesmos modos de concepção e suas variações.

Pode-se afirmar que não é o caso de ausência ou obsolescência dos instrumentos teórico-metodológicos das Ciências Sociais e Humanas para melhor estudarem a juventude e as coisas que se referem a ela. Pode-se questionar, no entanto, que talvez esses instrumentos, mais apropriados do ponto de vista da perspectiva histórica e social, não estejam difundidos de forma suficiente ou, se estão difundidos, não estão sendo considerados da forma como deveriam.

Juventude e a realidade histórica e cultural da constituição e experiência humana

Em conformidade com outros autores, sugere-se a pluralidade *a priori* e manifesta do fenômeno, como um pressuposto básico a ser adotado para os estudos sobre juventude. Por pluralidade *a priori* entende-se que a condição juvenil é plural, culturalmente localizada, e não um atributo humano inato. Dentro do quadro em que se manifesta o desenvolvimento da pessoa, identificado comumente pelas idades, a forma de medir o tempo, a denominação de cada grupo de idades, as atribuições sociais historicamente localizadas, as rupturas ocorridas nesse processo, são fruto da cultura.

Nesse sentido, entende-se que o desenvolvimento psicológico se dá de fora para dentro, a partir do desenvolvimento cultural, de forma que o humano se conjuga mais com o verbo ser do que com o ter (PINO, 2005).

Nesse sentido o desenvolvimento da criança é considerado como processo de tornar-se humano, a conquista de uma possibilidade marcada nos planos filogenético e ontogenético. Entretanto, o desenvolvimento cultural estará comprometido, se esta criança não tiver também acesso aos bens materiais produzidos pelos homens e que são portadores dessas significações. A criança possui o equipamento genético e neurológico da espécie com as marcas culturais da espécie, mas é a integração às práticas sociais que permite que isso se converta em humano. O recém-nascido é, ao mesmo tempo, herdeiro e candidato à condição humana. A mediação, ou o papel do Outro nesse processo é duplo, pois tanto fornece a herança genética, como inicializa e conduz a criança no processo de humanização.

Já a pluralidade manifesta refere-se à situação juvenil diretamente influenciada pelas distintas realidades históricas, sociais e culturais experimentadas pelas pessoas. É desde aqui que se cunha a expressão juventudes para se referir a este grupo social, representando melhor o fenômeno de grandes proporções em que se converteu. Pais (2003) nesta direção propõe reconhecer não somente as distintas formas de ser, estar e apresentar-se jovem no mundo, como a fluidez que esta condição cultural adquire na contemporaneidade. A realidade de transformação social com a qual lidamos não somente reafirma a questão de serem tantas juventudes, quantos são os contextos, mas também a de que as juventudes que se apresentam hoje, tanto podem sofrer alterações de conteúdo e forma sem aviso prévio, como a elas podem ser agregadas novas juventudes.

Considerando, então, esta pluralidade ambivalente, não se pode conceber uma homogeneidade completa e *a priori* na condição, ou na situação juvenil. Stamato (2008) chama a atenção para o papel da perspectiva sócio-histórica como fundamental para ajudar a romper com as definições reducionistas sobre juventude – ou qualquer outro conceito – considerando que retira o caráter natural, por vezes atribuído às fases, recolocando o determinante cultural

como raiz dos significados simbólicos, promessas, ameaças, potencialidades e fragilidades, que subjazem à definição desta etapa de vida, e que a tornam objeto de uma atenção ambígua, ao mesmo tempo cautelosa e cheia de expectativas, por parte da sociedade (STAMATO, 2008, p. 99)

Desse modo, os interesses subjugam as necessidades e os impulsos, orientando-os sem anulá-los em direção aos processos de significação. A partir do momento em que a barreira biológica do desenvolvimento é rompida, a cultura assume o comando das complexas relações, procedimentos que constituirão o ser humano, no sentido sócio histórico. Não é uma relação simples, sincrônica, fásica e linear. Pino (2005) apresenta a tese de que todas as pessoas passam por um duplo nascimento, advogando o que chama de momento zero cultural, um interstício lógico no meio desses dois nascimentos.

Na perspectiva sociocultural, a juventude aparece vinculada a experiência no presente. Pode-se considerar, no entanto, que a realidade juvenil é ambivalente e duplamente marcada pelo tempo e pelo espaço. Por um tempo que é construído dialeticamente, tempo síntese que permanece até a próxima mudança ou salto qualitativo próprio das relações dialéticas. Não é um presente que tem por trás um passado renegado, inválido ou inexorável quanto à sua influência no presente e, nem à sua frente, um futuro-devir, despregado, autônomo e independente completamente dos significados presentes na história da pessoa, a partir da confluência dos planos genéticos (VIGOTSKI, 1999).

Por um espaço onde o cultural e o biográfico, entre encontros e desencontros, dividem a primazia, a depender do tipo de inserção nos contextos estruturais, históricos e culturais específicos e da própria biografia. É espaço

criativo, onde novos sentidos podem ser atribuídos a significados culturalmente estabelecidos. É reino da história microgenética. Essa demarcação histórica e cultural pretende, também, esquivar-se da noção unicamente aberta de juventude como estado de espírito. Reafirma-se assim, a concepção dialética e materialista desta história e desta relação cultural.

Juventude como processo identitário

A identidade pode ser entendida em seus aspectos de estabilidade do ser, de modo que, independente das representações e atuações possíveis de serem exercidas por uma pessoa, é na identidade que ela é encontrada de fato por si mesma e pelos outros. É quase uma entidade à parte que hora aparece, hora é subjugada por algo que não é a realidade da pessoa. Contudo, a partir de Sawaia (1995), identidade pode ser entendida não como substância imutável e idêntica a si mesma ao longo de sua existência, mas um devir, processo de identificações em curso, de confronto entre igualdade e alteridade. O devir é introduzido na questão identitária, considerada sob um prisma tridimensional: o que era, é e poderá ser. Dimensões potencialmente intercambiáveis que se relacionam em um movimento dialético.

Nos textos analisados Martins (2009) representa os que entendem juventude como momento de definição e/ou afirmação identitária. Mas, sem o movimento de posição e reposição, numa constante dialética, a identidade torna-se “objeto, uma etiqueta usada para controlar, reprimir, discriminar, transmutando-se em estratégia de exclusão e dominação” (SAWAIA, 1995, p. 21). Desse modo, deve-se entendê-la em movimento de síntese, numa trajetória onde ocorrem mudanças nas redes de sociabilidade e solidariedade, reposição identitária, sem olvidar da necessidade de “apresentar-se e ser representado como igual a si mesmo [...] para garantir relações, intrapessoal, interpessoal, intergrupais e internacionais” (SAWAIA, 1995, p. 125), e como forma de escapar das teias de uma fluidez interminável na construção da identidade das pessoas e dos grupos sociais.

Os processos psicológicos, como apresenta Vigotski (2009), adquirem um valor qualitativo nesta mudança social e culturalmente caracterizada, como a que ocorre da infância para a juventude no desenvolvimento humano. Isso significa um referencial identitário, ou o apropriado poderia ser pensar nesse processo de salto qualitativo fortalecido na juventude, como uma tomada de autoconsciência não experimentada em nenhum momento anterior? Isso, considerando que a identidade é metamorfose paradoxal, ou seja, concomitantemente se transforma e afirma um modo de estar no mundo. Elementos como crença, etnia e classe podem se converter em norteadores de identidade como maior ou menor grau de identificação, de padronização desta. No caso da juventude, o presente não pode ser encarado como aparência de um futuro onde habita a redenção: o adulto. A perspectiva do adulto como destino faz do passado um relato, e do presente um estágio com um telos que, ao atingi-lo, se converterá também em relato.

Algumas questões podem ser sugeridas para se refletir a respeito do processo identitário na juventude. Uma delas poderia ser que o processo identitário passa por resultados produzidos, a partir de uma experiência histórica, que podem confluir para uma quase homogeneização do fenômeno juventude. Falar de juventudes, no plural, permite considerá-las como uma das alternativas de simbolizar graficamente uma opção conceitual, de explicitar a adesão à ideia de sua pluralidade e diversidade. Junto com esta expressão seguem especialmente outras, como grupos juvenis e culturas juvenis. Pouco se discute se esta pluralidade está vinculada mais diretamente à condição juvenil, ou às formas de se viver concretamente esta fase do ciclo de vida. A maioria, se não todos os autores estudados, em menor ou maior grau, entende que há

fatores delineadores de uma condição de juventude. Esta diversidade de vivências se circunscreve em uma realidade social e culturalmente estabelecida. Essa é uma discussão empreendida por Borghi (2009), quando conceitua unidade e diversidade em relação à juventude. A primeira está em relação à fase da vida, enquanto que a segunda está em relação aos interesses, características e representações e atribuições sociais que diferenciam os jovens.

Não obstante a juventude ser definida, em parte, por esta sua diversidade e heterogeneidade de pertencimentos; visto que a homogeneidade não é uma condição a priori da juventude, ou de qualquer outro grupo etário ou social; mesmo, considerando a situação juvenil como uma manifestação desta diversidade, a homogeneidade pode ser considerada um fator a posteriori, a partir do pertencimento a um determinado grupo, da captura pela subjetividade produzida pela indústria cultural (CORDEIRO, 2008), da padronização dos gostos, das ferramentas legais, como a escola e os estatutos, que incidem sobre aspectos de uma homogeneização da infância e juventude. Reforça-se assim, dentre outras coisas, a faixa etária como conceito norteador do processo de desenvolvimento da pessoa.

Outra questão sugerida para se refletir, a respeito do processo identitário na juventude, é que esse processo se dá em meio às experiências de transições nos percursos de entrada e saída desta condição. As diferenças sociais somadas às diferenças estabelecidas, a partir de escolhas que vão sendo feitas, tanto cotidianamente, como as de maior impacto sobre a vida das pessoas, vão ampliando o descompasso entre os determinantes biológicos, como a idade, o ciclo de vida. Cordeiro (2008), ao tratar da não regulação do tempo social, aponta nesta direção, do descolamento entre os processos biológicos e culturais.

Esse processo transicional na contemporaneidade não é mais linear nem irreversível. Pode-se considerar que talvez nunca tenha sido. Mas pela adição da complexidade de outros fatores, que exigem maior capacidade da pessoa em atribuir sentido, esta característica de urdidura torna-se mais evidente. São caracterizados pela possibilidade de entrada no mundo adulto de maneira intermitente, bem como pela aquisição da possibilidade, mas não efetivo exercício. A entrada no mundo do trabalho, experiência de relacionamento mais estável com outra pessoa, concluir ensino médio ou superior, sair da casa dos pais, são marcos que ainda identificam a passagem para o mundo adulto.

Contudo, tomando como exemplo um aspecto desse processo de transição, como forma de refletir sobre esta maior complexidade, a entrada no mundo do trabalho adquire papel ambivalente. Ao mesmo tempo em que significa a independência característica do mundo adulto, pode significar a possibilidade financeira de ter o direito à juventude, vivê-la ou permanecer por mais tempo nela (COELHO; AQUINO, 2009). Pais (2003, p. 120) observa que, para compreendermos vidas juvenis que são inscritas em estruturas sociais, cada vez mais labirínticas, urge abandonar a ideia de trajetória como disposta em visões e lógicas temporais marcadas por linearidades, pois “apesar de mais difíceis de apreender, os desalinhamentos da vida são sociologicamente tão importantes quanto seus alinhamentos, e as rupturas tão relevantes quanto as conexões”.

Em certo sentido, sempre haverá antes, agora e depois. O labirinto não possui efeito destruidor do tempo, mas reorganizador, ou seja, influencia de forma múltipla a priorização de algo que será posto em evidência através de uma existência, em um grupo social. A quantidade de portas de entrada para possíveis conexões entre o mundo e a pessoa, para saídas alternativas, fugas, se amplia na mesma proporção em que são produzidos e estabelecidos espaços formais e informais, para o exercício ativo, da presença no mundo.

Não se pretende desconsiderar a existência de marcos, ou que as transições na vida, incluindo aí o que se pode denominar de transição jovem-

adulto, finalizaram-se, como defende Rossi (2007), mas elas mudam, são reposicionadas, e com mais frequência em alguns espaços. Nesse processo de transformação, perde e ganha força os elementos distintos na sua configuração. Por exemplo: a clara coerção social presente em diversos grupos sociais nos anos 60, execrada por parte da crítica atual, dá lugar à escolha individual. Por outro lado, a ideia de transição linear é substituída pela realidade material da possibilidade de múltiplas, simultâneas e reversíveis transições. Em síntese, são as identificações em curso, como nos faz lembrar Sawaia (1995).

Juventude, experiência e geração

A abordagem da juventude, a partir da ideia de geração, pode ser vista como uma das formas de dar um ponto de unicidade à difundida heterogeneidade da categoria juventude. Nessa medida, Feixa e Leccardi (2010) afirmam que a noção ou o conceito de geração é algo importante para a reflexão sociológica de juventude. Experiência e geração caminham juntas, mas nem sempre conspiram, respiram o mesmo ar. A experiência geral de uma geração, considerando desde a perspectiva de uma geração global (FEIXA; LECCARDI, 2010) às concepções mais estritas das gerações nas relações familiares ou em outros grupos menores, pode permanecer distante da experiência que vai sendo produzida, engendrada por outra geração, não conseguindo compor com ela uma síntese.

Para Vigotski (2009), a experiência de uma pessoa se dá pela acumulação das atividades humanas. Nesse sentido, não podemos definir uma fase da vida, qualquer que seja, como um momento ímpar de se adquirir experiência, pois esta é permanente. Considerando a radicalidade do posicionamento deste autor, toda ação humana, indistintamente, foi antes produto da imaginação, de uma ação psicológica complexa que se relaciona com outras da mesma condição, que tem como resultado a produção da experiência. Imaginação não pode ser entendida aqui como qualquer coisa relacionada a um plano ideal, imaginário, desconectado da realidade, teleológico, da produção do cotidiano. Como materialista histórico, Vigotski (2009) concebe a imaginação como trabalho, atividade criadora do homem que gera algo novo, ação sobre uma dada realidade e que resulta em algo concreto.

A combinação das experiências adquiridas, produzidas, traz a ideia de experiência acumulada. Como pensar, então, a relação intergeracional nesta perspectiva de experiência acumulada? Considera-se a existência da experiência individual —, a coletiva e social—, vinculada à histórica que se acumulam. A concepção de Vigotski (2009, p. 100) sobre o que denominou de “círculo completo da atividade criativa da imaginação” para conceituar todo o processo criativo, em seus quatro processos não lineares nem evolutivos – (a) dissociação das percepções externas e internas que compõem a base da experiência pessoal, (b) modificação dos elementos dissociados, com exacerbação ou atenuação de alguns deles, (c) união dos elementos dissociados e modificados e por último, (d) a objetivação de todo processo que resulta na construção de um quadro complexo – é uma chave para compreender a potência das relações entre as pessoas de distintas idades, experiências e vivências.

A partir de Vigotski (1999), podemos pensar na importância da fala, da palavra na consumação do acervo de experiência acumulada, considerando que é através dela, como mediadora por excelência entre o eu e o outro, que passo a ter consciência da experiência alheia. Ainda, como um verdadeiro *a priori*, é através dela que se coroa a ação, se instrumentaliza a resistência, especialmente, daqueles que são socialmente relegados à inexistência pelo *status quo*. A palavra é signo por excelência “e microcosmo da consciência humana” (VIGOTSKI, 1999, p. 190). O fechamento de grupos em sua própria experiência selecionada de algum período de sua vida, pode ser visto como

parte das causas do propalado conflito de gerações. Os gostos, as palavras não se encontram, não combinam e por isso, não se somam na construção do acervo de experiência acumulada. Antes, se anulam e apresentam o estranho resultado de um duplo, porém contrários, 100%: cada um na sua completa razão.

A forma de lidar com o tempo influencia o empobrecimento da experiência. Há muita velocidade e apelo ao acúmulo e/ou consumo de informações. Há pouca experiência na produção de coisas, especialmente a partir da invenção da linha de produção. Essa efemeridade também atingiu as relações. Há pouco tempo para elas, ou estão inscritas nas linhas de tempo dos indivíduos, e não o oposto. Ou seja, esquece-se da premissa de que os indivíduos se humanizam, cada vez mais, na medida em que, se relacionam com o outro, os outros, à medida que constroem experiências.

Nesse sentido, precisamos de mais *Kairós* e menos *Chronos*, mais tempo que se vive do que tempo de se usa, que se consome e é consumido por ele. Acumular experiência através do espaço intersujeito vai depender disso, da exposição na arena da convivência geracional, de mais oralidade, especialmente, considerando a palavra como fator importante de/para a memória. Palavras como parte responsável pela produção da realidade, como o “final do desenvolvimento, o coroamento da ação” (VIGOTSKI, 1999, p. 190). Vai depender também, portanto, de mais contato, mais redes que, mesmo virtuais, se concretizam na construção coletiva da experiência.

Ainda que a experiência seja atravessada pelas questões de classe e outros determinantes, o processo de produção de sentido, pode se constituir em um recurso para lidar com elas, já determinadas na experiência de vida de cada um. É importante reconhecer, como Freire (2009), a história como possibilidade e não determinismo, o futuro como algo problemático, mas não inexorável.

Juventude como retrovisor da sociedade

Almeida (2008 p. 17) afirma que a juventude não deve ser compreendida “apenas pelo critério da faixa de idade, mas, sobretudo como um elemento de mudança, não apenas de personalidade, mas também da própria sociedade, pois é através dela que se renova a sua tradição”. Nesta mesma direção, Seibert (2011), por ver as mudanças culturais dos tempos atuais refletidas e com maior visibilidade na juventude do que em outros grupos, entende-a como possuidora de destaque, na medida em que passa a ser espécie de síntese da sociedade. Esta é a ideia de juventude como retrovisor que reflete em si os caminhos da sociedade, auxilia na compreensão dos valores contemporâneos.

Esta é uma observação a ser reconsiderada pelo menos em duas direções. Uma delas, diz respeito à posição do jovem na estrutura social. A outra se relaciona ao mesmo valor relativo que possuem as demais categorias sociais na análise das tendências sociais. Não há como negar que o jovem adquiriu lugar novo e de destaque na estrutura social. Em um dado momento das complexas relações entre a cultura e biologia, a pessoa desenvolve capacidades de análise do mundo, de maneira mais totalizadora e de comunicar esta análise aos seus pares e aos demais membros da sociedade. Comunica pela mediação da palavra, por si só, ou com ajuda de outras mediações por ele escolhidas. Relevante considerar que, nos dias atuais, esta capacidade de comunicação é potencializada pelos meios tecnológicos que se desenvolvem velozmente. Contudo, os membros de outros grupos sociais também possuem estas capacidades. Outros grupos componentes do ciclo de vida humano também podem ser, e o são, considerados em si mesmos como elementos de monitoramento da sociedade. Oliveira e Sawaia (2009) corroboram com esta perspectiva de

revisão, ao demonstrarem que não só a análise dos aspectos relacionados à juventude, mas a outras categorias sociais, no caso a infância, serve de suporte para que se detecte transformações de determinada sociedade.

Por sua vez, Pires (2008) compreende que a juventude seja uma fase de instabilidade e crise, transitória, até que se atinja a estabilidade da vida adulta. Contudo, como se explica o fato de que no mundo moderno as próprias condições da vida adulta se inscrevem na insegurança, na turbulência e na transitoriedade? Transição pode ser compreendida como uma marca da própria existência humana. Ao localizarmos na história, vamos percebê-la mais ou menos veloz, afetando mais uns grupos sociais que outros, de forma mais ou menos previsível, mais ou menos consciente para as pessoas que viveram cada tempo. No entanto, o fato de colocar a juventude em um patamar de igualdade com os demais grupos sociais cultural e historicamente definidos, no que diz respeito às sinalizações da situação da sociedade, não retira dela as especificidades nesta empreitada. A partir da juventude podem ser construídos indicadores mais específicos, sensíveis para as questões culturalmente atribuídas. Pode-se ainda, assinalar tendências, auxiliar a apreensão da realidade em suas dimensões mais complexas, indiretamente através de suas manifestações nesse grupo social. Nessa perspectiva, o estudo das culturas juvenis se converte em potente espaço para medição desses indicadores.

Kafrouni (2009 p. 43), ao discorrer sobre a dimensão subjetiva da vivência de jovens em um programa social, aborda as culturas juvenis a partir da ideia de juvenilização, no sentido que o *status* juvenil pode ser adquirido “por meio da reciclagem do corpo e da imitação cultural”. A cultura juvenil, como modelo, é oferecida a todos, inclusive os que ocupam, como sujeitos concretos, este lugar histórico-cultural. Nesse processo de produção e reprodução social, para a autora, as políticas públicas jogam um importante papel, em especial, na atual estruturação do Estado brasileiro. A importância desses estudos está em considerar a cultura juvenil produzida e/ou à qual se vincula o jovem concreto, como metodologicamente importante para compreender melhor a juventude como categoria social e o próprio jovem, e assim tê-la de fato, como um dos barômetros da sociedade.

Conclusão

Conclui-se, na esteira da proposição de Pais (2003) que, a alternativa epistemológica e metodológica para os estudos de juventude aponta para a necessidade de se considerar as culturas juvenis, não como processos de socialização direta por uma cultura dominante, mas como performances quotidianas, ou seja, a produção de cultura no dia a dia, como indivíduo e como grupo. Os cinco fatores apresentados, se considerados, podem ajudar a cobrir as múltiplas questões que afluem dos distintos agentes, inclusive dos próprios jovens, que produzem o mundo e a realidade que temos.

A interdisciplinaridade é campo de disputa em que se converte o estabelecimento do conceito de juventude. Considera-se assim que o ingrediente proposto pela perspectiva sócio-histórica pode interferir pragmaticamente na proposição de sujeito psicossocial. Nesse sentido, as proposições de Vigotski (1999) e seus interlocutores podem contribuir para a instituição ou fortalecimento de um corpo teórico capaz de apoiar a reflexão sobre o conceito de juventude que consiga, sem prejuízo da preponderância cultural sobre o desenvolvimento humano, integrar as contribuições da Biologia, Sociologia e Psicologia.

A Psicologia, portanto, pode contribuir e problematizar a falsa dicotomia entre aqueles que enfatizaram o biológico, a natureza humana, para a compreensão de juventude, defendendo a idade, as mudanças hormonais, a energia em excesso como marcas que permanecem e universalizam o

conceito, e aqueles que demarcam a ênfase na raiz epistemológica da cultura, associando o conceito à experiência dos jovens, a elementos da cultura que caracterizam a juventude. Desde uma perspectiva sócio-histórica, localizam-se as mudanças biológicas inseridas em um escopo cultural: a significação da cultura a partir dos planos sócio e microgenético.

Sobre o artigo

Recebido: 27/03/2014

Aceito: 25/04/2014

Referências bibliográficas

AGUIAR, W. M. J.; BOCK, A. M. B.; OZELLA, S. Orientação profissional com adolescentes: um exemplo de prática na abordagem sócio-histórica. In: BOCK, A. M. B.; GONÇALVES, M. G. M.; FURTADO, O. (Orgs.) **Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia**. São Paulo: Cortez, 2001, p.163-178.

BORGHI, I. S. M. **Juventude na educação de jovens e adultos: novos sujeitos num velho cenário**. 2009, 144f. Dissertação (Mestre em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador: 2009.

ALMEIDA, G. K. F. **A descoberta da juventude pela CUT**. 2008, 84f. Dissertação (Mestre em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: 2008.

ALMEIDA, R. S. **Juventude e participação: novas formas de atuação juvenil na cidade de São Paulo**. 2009, 130f. Dissertação (Mestre em Ciências Sociais). Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo: 2009.

COELHO, R. N.; AQUINO, C. A. B. Inserção Laboral, Juventude e Precarização. **Psicologia Política**, São Paulo, v.9, n.18, p. 275-289, 2009.

CORDEIRO, D. M. A. **Juventude nas sombras: escola, trabalho e moradia em territórios de precariedades**. 2008, 185f. Tese (Doutor em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal Fluminense, Niterói: 2008.

FEIXA, C.; LECCARDI, C. O conceito de geração nas teorias sobre juventude. **Sociedade e estado**, Brasília, v.25, n.2, p. 185-204, 2010.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 39. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2009. (Leitura).

GROPPO, L. A. **Juventude: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2000.

JESUS, A. R. **A imagem da recreação da juventude: televisão e propaganda**. 2008, 131f. Dissertação (Mestre em Sociologia). Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal da Bahia, Salvador: 2008.

KAFROUNI, R. **A dimensão subjetiva da vivência de jovens em um programa social – contribuições à análise das políticas públicas para a juventude**. 2009, 141f. Tese (Doutor em Psicologia). Programa de Pós-

Graduação em Psicologia Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo: 2009.

MARTINS, T. C. S. **Juventude, educação escolar e sentido de vida: um estudo a partir dos projetos educacionais no ensino médio**. 2009, 141f. Dissertação (Mestre em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo: 2009.

OLIVEIRA, A. A. S.; SAWAIA, B. B. A infância experienciada em comunidades litorâneas. In: LEITÃO, H. A. L.; OLIVEIRA, A. A. S. (Orgs.). **Infância e juventude na contemporaneidade: ouvindo os protagonistas**. Maceió: EDUFAL, 2009, p. 51-80

PAIS, J. M. Correntes teóricas da sociologia da juventude. In: PAIS, J. M. **Culturas juvenis**. 2. ed. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2003, p. 47-82.

PINO, A. **As marcas do Humano: Às origens da constituição cultural da criança na perspectiva de Lev S. Vigotski**. São Paulo: Cortez, 2005.

PIRES, S. J. **Juventude(s), escola pública e programas sociais de transferência de renda**. 2008, 186f. Dissertação (Mestre em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte: 2008.

ROSSI, R. C. **Patrolando juventudes: o consumo na pauta do caderno Patrola**. 2007, 181f. Dissertação (Mestre em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre: 2007.

SAWAIA, B. B. O calor do lugar: segregação urbana e identidade. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v.9, n.2, p. 20-24, 1995.

SEIBERT, L. **Juventude e cinema: as práticas de si na transformação do sujeito ético**. 2011, 113f. Dissertação (Mestre em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Luterana do Brasil, Canoas: 2011.

STAMATO, M. I. C. **Protagonismo juvenil: uma práxis sócio-histórica de resignificação da juventude**. 2008, 222f. Tese (Doutor em Psicologia). Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo: 2008.

TRANCOSO, A. E. R. OLIVEIRA, A. A. S. Produção social, histórica e cultural do conceito de juventudes heterogêneas potencializa ações políticas. **Psicologia & Sociedade**, Porto Alegre, v.26, n.1, 137-147, 2014.

TRANCOSO, A. E. R. **Juventudes: o conceito na produção científica brasileira**. Dissertação (Mestre em Psicologia). Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Alagoas, Maceió: 2012.

VIANA, N. Juventude e identidade. **Estudos**, Goiânia, v.36, n.1 e 2, p. 145-154, 2009.

VIGOTSKI, L. S. **Pensamento e Linguagem**. 2. ed. Tradução Jeferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

VIGOTSKI, L. S. **Imaginação e criação na infância**. Tradução Zoia Prestes. Comentários Ana Luiza Smolka. São Paulo: Ática, 2009. (Ensaio Comentado).